

8-2013

A Prática da Caridade e da Beneficência Social na Igreja Cristã

Wagner Kuhn
Andrews University

Follow this and additional works at: <http://digitalcommons.andrews.edu/world-mission-pubs>



Part of the [Practical Theology Commons](#)

Recommended Citation

Kuhn, Wagner, "A Prática da Caridade e da Beneficência Social na Igreja Cristã" (2013). *Faculty Publications*. Paper 13.
<http://digitalcommons.andrews.edu/world-mission-pubs/13>

This Article is brought to you for free and open access by the World Mission at Digital Commons @ Andrews University. It has been accepted for inclusion in Faculty Publications by an authorized administrator of Digital Commons @ Andrews University. For more information, please contact repository@andrews.edu.

A PRÁTICA

DA CARIDADE E DA BENEFICÊNCIA SOCIAL
NA IGREJA CRISTÃ:



UMA BREVE PERSPECTIVA
Wagner Kuhn, PhD

É fascinante observar a frequência com que Jesus e também os seus apóstolos praticaram tantos atos de compaixão em prol do humilde, do doente, do pobre, do possesso por demônios, da viúva, do órfão e de muitos outros. Suas obras de caridade e benevolência se tornaram a base para outros cristãos que seguiram Seus passos. Neste artigo, tento descrever de forma resumida como o pobre, o doente e outras pessoas desamparadas foram tratados e ajudados durante os períodos da história da Igreja Cristã primitiva e medieval, e em parte no período da Reforma, especialmente no que se refere às obras de assistência social e caridade cristãs.¹ A missão da Igreja Cristã foi em grande parte levada avante através da assistência social efetuada pelos fiéis seguidores do compassivo Salvador.

Caridade Cristã no Período Patrístico

O período patrístico é mais ou menos equivalente ao primeiro milênio da era cristã. Apesar de ser difícil de categorizar este período em fases distintas devido à transição de eventos, os dividi em três partes: o período pré-Constantino, o período pós-Constantino e o Monasticismo.

Após o martírio de Pedro e Paulo em Roma, a Igreja Cristã primitiva continuou a ser severamente perseguida, sofrendo durezas como uma religião proibida. Nesse período o envolvimento da Igreja com a sociedade foi mais defensivo, frequentemente tentando sua própria sobrevivência e a de seus membros (Phan 1984:20). A assistência fraternal mútua entre as comunidades, a assistência aos mendigos e as obras de assistência caridosa para aliviar os sofrimentos do pobre, do doente, da viúva e do órfão, se tornaram uma parte integral da vida cristã, assim caracterizando a Igreja do primeiro e segundo séculos (Garrison 1993:76; Riquet 1961:47).

A Igreja nos três primeiros séculos não só sobreviveu, mas também se expandiu de forma rápida devido a seu sentido de comunidade, que foi manifestado pela boa vontade dos cristãos em dar assistência àqueles que precisavam. Justino, em sua Apologia, afirma: *“Nós, que amávamos acima de tudo os meios de adquirir posses, agora damos para um fundo comunitário o que possuímos*

e compartilhamos tudo isso com todas as pessoas necessitadas” (Apol. 1:14 citado em Scaduto 1967:481). Esses fundos foram distribuídos em primeiro lugar aos pobres, às viúvas e aos órfãos, mas especial preocupação era demonstrada aos prisioneiros e escravos que estavam sofrendo por amor a Cristo.

A comunidade também visitava os doentes, de forma especial os incuráveis, e em épocas de pragas auxiliavam as vítimas de forma generosa, dando assistência e cuidado a eles. Os crentes também enterravam os mortos entre os pobres, e as despesas do enterro eram pagas pela comunidade (Phan 1984:21-22; Scaduto 1967:482).

Durante este período a maior parte da assistência aos carentes era conduzida por cristãos reunidos em suas comunidades e muitas vezes sob a liderança de um padre da igreja. Todos os crentes, até mesmo os pobres, eram encorajados a ajudar outros. A hospitalidade era sempre encorajada e praticada pelos crentes, e isto era manifestado por meio do fenômeno de “igreja casa”, em que casas se tornavam em igrejas (Malherbe 1983:94-97). Essa obra de caridade não era uma mera teoria, mas uma realidade viva, não era apenas conceitos, mas prática concreta, feita em nome de Cristo e seguida a Seu exemplo e dos apóstolos.

Na metade do terceiro século, a comunidade cristã (Igreja) parecia melhor organizada, sendo

capaz de lidar numa escala de maior capacidade com muitas perseguições, pragas e crises. Obras de caridade desempenham um papel importante ajudando a Igreja Cristã a se tornar mais tolerante e menos perseguida. O sangue dos mártires cristãos com certeza foi uma semente que afetou não só a alma dos homens para convertê-los a Cristo, mas também permeou as instituições e os critérios morais do mundo romano com o espírito cristão.

Com a conversão de Constantino (312-314), o Cristianismo se tornou a religião oficial (mas não a única) do império romano e assim representou uma parte integrante da vida pública. Foi no período Constantinense que o conceito cristão de caridade assumiu uma dimensão social. Muitas instituições de caridade foram organizadas com a garantia do patrocínio da Igreja, não somente para a ajuda aos cristãos, mas também para o auxílio dos não cristãos (Phan 1984:20; Latourette 1975-91-92).

A partir do quarto século, conceitos cristãos como o de assistência social foram introduzidos da mesma forma na civilização secular. O conceito de caridade era estranho em qualquer texto da lei romana. O respeito ao ser humano, a solidariedade e a responsabilidade dos seres humanos para com seus irmãos e irmãs, para com os pobres, os desabrigados, os doentes, os escravos e os doentes mentais, estabelecidos pela convicção de que eles são objetos do amor misericordioso de Deus, eram desconhecidos para o mundo pagão (Scaduto 1967:484).

Antes e durante o quarto século, a assistência de caridade social evoluiu para instituições filantrópicas. Foi através dos esforços da Igreja e do clero, que eram livres de qualquer imposto ao estado, que foram construídos centenas de edifícios: hospitais, conventos, igrejas, escolas, hospícios, albergues, asilos, fábricas industriais, casas para leprosos e lares para os pobres. A maioria dessas propriedades pertencia à Igreja e era administrada, muitas vezes, pelo clero. Um exemplo é a igreja de Alexandria, que sob a proteção do bispo tinha um grupo de mais de 500 enfermeiras no período dos anos de 416 a 418 (Riquet 1961:63-64; Scaduto 1967: 485).

É provável que o primeiro hospital (*nosocomium*) em Roma foi fundado por um indivíduo, Fabiola, por meio de sua imensa fortuna. Lá ela recebia os doentes e enfermos abandonados nas ruas, os fracos de tanta fome, de doenças e calamidades como narizes quebrados, olhos furados, pés queimados, mãos pálidas, barriga inchada, pernas deformadas, leprosos e assim por diante. Fabiola cuidava dos doentes “*com suas próprias mãos, e de forma tão boa, que os pobres que estavam sau-*

dáveis invejavam os doentes” (Riquet 1961:64).

Exemplos como este eram comuns no período patrístico. Muitos que possuíam grandes fortunas as distribuíam de mãos abertas. A renda era usada para fundar hospitais e orfanatos para o tratamento de doentes e abrigar crianças, para alimentar infelizes e refugiados, pagar dívidas dos pobres, vestir os que não tinham roupas e libertar centenas de escravos. Essas pessoas, assim como as caridades generosas da Igreja, foram um exemplo aos cristãos da Idade Média, numa época que a miséria e infortúnio de milhares dependiam dos recursos não convencionais e milagrosos.

Outro exemplo da caridade efetuada no período patrístico foi o monasticismo cristão que se originou no Egito no final do terceiro século. Para entrar na vida monástica, a pessoa precisava vender, pelo menos, parte de suas propriedades e distribuí-la aos pobres. Dessa forma, auxílio generoso era dado aos necessitados e, como resultado, pobres, doentes, viúvas, e órfãos eram assistidos. Os monges eram instruídos para trabalhar manualmente e a preferência era dada ao trabalho agrícola. O lucro desse trabalho era para dar sustento ao mosteiro e socorro aos pobres (Latourette, 1975, p. 224-230).

Pierson comenta que mosteiros “*tornaram-se comunidades de autossustento organizadas em torno de regras para a vida diária, regras referentes ao trabalho bem como à oração. Esse conceito era revolucionário no mundo antigo, onde o trabalho manual era visto como adequado apenas aos escravos*” (1989, p. 9). Os mosteiros não só eram centros de oração, meditação e trabalho manual, mas também lugares onde o aprendizado floresceu, reavivamentos espirituais começaram, novos métodos agrícolas se desenvolveram e a caridade cristã foi posta em prática.

A Caridade das Ordens Monásticas da Igreja Católica

Com o estabelecimento sólido do monasticismo no quinto século no Oriente e no Ocidente, a Igreja Cristã Católica entrou num sistema real de possessões comunitárias, no qual a responsabilidade de doar as propriedades de alguém e a prática da assistência caridosa aos pobres era pregada aos leigos com grande energia. Nesse sentido, toda a prática de caridade (esmola, e assim por diante) que foi motivada pelo espírito de amor originado em Cristo perdeu seu espírito anterior, foi reduzida grandemente às instituições ascéticas, tornou-se um meio para adquirir mérito pessoal, e assim garantia a salvação pessoal (Troeltsch, 1992, p. 137).

As reformas raramente vieram por intermédio das estruturas das igrejas, mas dos esforços das

peçoas, principalmente devotos monges e sinceros leigos, que com ardor desejavam a caridade de Cristo para tocar e curar as feridas dos doentes, pobres e miseráveis ao seu redor. Todavia, foi por meio das ordens monásticas e dos movimentos missionários que surgiram dentro da Igreja Cristã que muito das obras de caridade foi levado avante durante a Idade Média.

A preocupação com as obras de caridade, que estava no centro do monasticismo oriental, também recebeu atenção especial do monasticismo do Ocidente, do qual a ordem beneditina se tornou um modelo. Os mosteiros beneditinos da Idade Média deram bastante hospitalidade e praticaram grande caridade para com os pobres e peregrinos. Scaduto declara que em um ano “o mosteiro de Cluny cuidou de 17.000 pessoas necessitadas e que o de Saint Riquier supriu diariamente a necessidade de 300 pessoas destituídas, 150 viúvas, e 60 membros do clero” (1967, p. 489).

A influência do monasticismo beneditino na civilização ocidental não pode ser avaliada apenas pelos atos de assistência caridosa como descrito acima. O seu alcance foi muito mais além, contribuindo imensamente para “a preservação e aprimoramento da arte de construir e da agricultura, os artesanatos de madeira, ferro e tecido” e ajudou no desenvolvimento da “astronomia, botânica, medicina, história e teologia” que de certa maneira “representa uma elevada forma de caridade prática” (Riquet, 1961, p. 87).

O sistema monástico do cristianismo oriental não foi organizado como uma instituição da igreja, mas um movimento que em sua natureza foi relativamente independente e missionário. Seus missionários eram educados e preparados para serem enviados a países distantes, em geral como missionários de sustento próprio. Lá eles eram frequentemente encontrados servindo em algum cargo do governo, como: contadores, médicos, astrônomos e filósofos. Foram preeminentes como bancários, eruditos, governadores locais e comerciantes, e como resultado, suas influências cristãs e exemplos foram seguidos por muitos (Beck 1980, pp. 463, 487; Latourette 1975, pp. 323, 591).

As obras de caridade estavam em geral ligadas ao evangelismo e às atividades missionárias e eram praticadas principalmente por médicos e monges. Esses monges se empenharam em ajudar os peregrinos e viajantes, os quais em muitas ocasiões eram vítimas dos ataques cruéis dos bárbaros. Por meio da influência que tinham como oficiais do governo, e também como cidadãos altamente respeitados, eles cuidavam dos pobres, tomavam conta dos doentes, libertavam os prisioneiros, ensinavam e educavam os órfãos e asseguravam que todos fossem tratados de modo correto, e em especial, os cristãos.

O espírito de caridade do monasticismo ortodoxo motivou os monges ortodoxos em sua missão de socorrer o pobre e pregar o evangelho entre os séculos XIII e XIV.



Muitos desses monges-missionários ortodoxos sofreram grandemente e até morreram enquanto viajavam para os campos missionários ou durante o seu tempo de vida lá. Criam que era privilégio deles serem participantes do sofrimento de Cristo. Pobres, doentes e necessitados, eram cuidados, curados e abençoados por meio de suas obras de caridade cristãs. As tribos ignorantes e indisciplinadas receberam a Bíblia na sua língua nativa. Métodos de agricultura mais desenvolvidos foram introduzidos, os quais permitiam aos fazendeiros e camponeses não apenas sobreviverem, mas produzirem com abundância, sendo capazes de dividir com os necessitados. A motivação que impulsionou esses missionários a irem mais e mais longe foi o evangelho de Jesus Cristo e a compaixão de Seu amor.

Os mosteiros ortodoxos do Império Bizantino eram muitas vezes associados às instituições de caridades e iniciativas filantrópicas. Asilos para idosos e necessitados e hospitais para o tratamento de doentes eram gerenciados pelos monges que viviam em tais mosteiros (Latourette 1975:569).

Os monges irlandeses, ou celtas, foram os que levaram avante um dos movimentos missionários mais influentes da Idade Média. O amor para com Deus e o desejo de ganhar os pagãos para Cristo, herdados do seu pai espiritual "Patrick", os inspiraram a se mudarem para países distantes e terras longínquas. Tanto quanto eles podiam e onde quer que fossem sempre estabeleciam a Igreja. Mosteiros também foram fundados e logo se tornaram centros de ensinamento religioso. A Bíblia era o objeto principal de estudo dos mosteiros celtas e, por essa razão, os monges do sétimo e do oitavo século se tornaram mestres nas áreas da exegese e da gramática (Latourette, 1975, p. 332; Ewig, 1980, p. 522).

Os monges celtas eram caridosos, bondosos e cuidadosos o suficiente para prover o alimento necessário para a maioria da população pobre que morava em volta da área dos mosteiros (Ewig, 1980, p. 523). O doente era cuidado e tratado pelas mãos dos monges, que em muitas ocasiões eram médicos (Riquet, 1961, p. 91). Os peregrinos eram acomodados nos abrigos dos mosteiros e os necessitados repetidas vezes encontravam-se sob o seu teto. Dessa forma era a caridade do movimento missionário celta: sempre pronta para ajudar, curar, ministrar, educar e, se possível, transformar e mudar pessoas, tradições, culturas, até mesmo civilizações inteiras para a glória de Deus e edificação de Seu reino.

A Caridade das Ordens Mendicantes

O Cristianismo realizou a maioria de suas atividades de caridade por meio das ordens monásticas. A Igreja seguiu a tradição monástica beneditina na qual se preocupava com o cuidado do corpo, por meio das ciências e da medicina, e com o bem espiritual e intelectual da alma através da ciência da educação. *"Esta dupla beneficência foi plenamente realizada pela caridade monástica, com seus doutores, enfermeiros e hospitais de um lado e suas escolas de outro"* (Riquet, 1961, p. 92).

As Ordens Mendicantes dos franciscanos, dominicanos, carmelitas e agostinianos emergiram como uma nova forma de monasticismo; eles foram extremamente missionários em seus propósitos e seus membros dedicavam-se na maior parte do tempo a ensinar, cuidar dos doentes e dos pobres, além de pregar o Reino de Deus. É certo que as maiores e mais influentes destas quatro ordens foram as dos franciscanos e a dos dominicanos (Latourette 1957:427-428).

Francisco de Assis (1182-1226) nunca fundou nenhuma instituição de caridade e ele mesmo não era um inovador em atos de caridade. No entanto, seu compromisso e devoção ao evangelho, bem como ao terno amor de Jesus, fizeram dele o apóstolo da pobreza, o que deu uma nova dimensão ao exercício de caridade (Scaduto 1967, p. 490). Francisco foi inspirado pelo amor de Cristo e Seu exemplo de caridade, pobreza e humildade. Ele começou seu ministério dando-se ao serviço aos pobres, visitando e cuidando dos leprosos (Latourette, 1975, p. 429).



O movimento Franciscano trouxe uma renovação espiritual à Igreja Cristã em muitas partes da Europa e isso levou muitas pessoas de ambos os sexos a praticar a caridade. Muitas mulheres dedicaram-se às obras de compaixão de caridade, cuidando dos doentes tanto em hospitais como em casa (Scaduto, 1967, p. 490). Uma delas era Elizabeth (1207-1231), filha do Rei da Hungria, uma cristã devota desde a sua infância. Ela se casou aos catorze anos e logo depois ficou viúva. Alguns anos antes de sua curta vida terminar, ela doou muitos de seus bens aos pobres, construiu hospitais e com as próprias mãos cuidou dos doentes (Latourette, 1975, p. 432).

Os dominicanos (Ordem dos Pregadores) seguiram sob a direção e apoio de Agostinho de Hippo. Seu fundador foi Domingos (1170-1221), um homem de rígido asceticismo e vida dedicada à oração. Apesar de os franciscanos enfatizarem a caridade pelo viver com simplicidade, pobreza absoluta e um amor altruísta, os dominicanos tinham um modo diferente de vida e ministério. Para estes, a prática da caridade era implementada por meio da educação de seus membros. A erudição (educação) era altamente valorizada, e seu objetivo principal era preparar pregadores que se tornariam missionários para os povos (Latourette 1975, p. 437-439).

Essa "caridade educacional" foi o motivo que inspirou o estabelecimento de várias universidades na Europa e em outros lugares, muitas delas existem até hoje.

Com relação ao estabelecimento da Sorbonne na França e outras universidades, Michel Riquet faz o seguinte comentário:

Na verdade, foi com o intuito de capacitar dezesseis homens pobres, mestres aspirando ao doutorado, a continuar seus estudos na universidade, que Robert de Sorbon, capelão do rei Luis, fundou o colégio de Sorbonne em 1257. O mesmo ocorreu em Orleans, Salamanca, Oxford e Cambridge. Nesses centros universitários, os frades pregadores por muitos anos promoveram a chama de fervor e caridade (1961 p. 124-125).

Na morte de Domingos em 1221, a Ordem dos Frades Pregadores possuía aproximadamente 500 religiosos, envolvidos com fervor em atividades educacionais, missionárias e caridosas. O reavivamento espiritual provocado pela pregação e ensino dos dominicanos resultou em uma renovação muito necessária das instituições de caridade das igrejas e também na conversão de muitas almas ao Cristianismo. Para eles, a caridade, que é inspirada pelo espírito e fervor do evangelho, deve abranger todas as formas de vida e prática cristãs: missionária, educacional, médica, pastoral, etc.

A Decadência do Sistema de Assistência aos Pobres no Final do Período Medieval

A Reforma Protestante trouxe uma dimensão renovada da prática de caridade para com os pobres, que se manifestou por meio de um novo entendimento de amar o próximo, o que para os reformadores, era o fruto da fé. Essa "fé e amor ao próximo tornaram-se uma fórmula de teologia da Reforma no lugar do tradicional e complexo conceito de caridade", pois como Lutero escreveu, "não há maior serviço a Deus do que o amor cristão que ajuda e serve o necessitado" (Schwarz 1996:303). Na verdade, isso foi uma manifestação da verdadeira adoração que um cristão poderia oferecer a Deus e assim, a reforma das instituições da igreja, práticas religiosas sem sentido e dos sistemas sociais deveriam com certeza continuar.

Pouco antes da Reforma, a pobreza tornou-se altamente valorizada a ponto de ser considerada uma vocação. Os pobres tinham de fato "uma importante função soteriológica,

como intercessores daqueles que dão esmolas” e isto se tornou um “trabalho barato para uma economia crescente de lucros” (Lindberg, 1996, p. 114). Essa compreensão teológica diferente e distorcida da salvação teve que ser mudada, e de forma apropriada essas mudanças receberam uma resposta oportuna do pai da Reforma, Lutero, bem como de outros reformadores.

O contexto social do Cristianismo Ocidental no início do século XVI refletia a decadência de uma igreja secularizada que não podia adequadamente suprir as necessidades religiosas do povo. Foi uma época de instabilidade e divisão na Europa. A sociedade violenta e mística, com seus muitos grupos econômicos, sociais, políticos e religiosos, cada um com o próprio programa de reforma, não estaria satisfeita a menos que mudanças drásticas ocorressem. Em tal contexto social, o Cristianismo não existiria por muito tempo como antes, nem poderia um espírito de caridade benevolente para com os necessitados ser manifesto pela Igreja Cristã depois disso (ver Dickens, 1966, p. 9-11; Grimm, 1965, p. 1-2).

Fatores positivos e negativos, como o surgimento dos estados territoriais, o comércio internacional, a imprensa, o escolasticismo, o humanismo, o misticismo, o capitalismo, o crescimento da população e muitas heresias e indulgências também desempenharam uma parte importante no movimento da Reforma. A ideia duradoura de “que o clero constituía a cabeça, a nobreza os braços e os camponeses os pés do corpo medieval não podia persistir por muito tempo em face das mudanças econômicas e políticas que estavam rompendo a forma de vida medieval” (Grimm, 1965, p. 13; ver também Koenigsberger e Mosse, 1968, p. 21-111; Dickens, 1966, p. 9-51).

Reformando o Sistema de Assistência de Caridade

Para Lutero, a assistência social benevolente estava baseada na doutrina da justificação pela fé e no mandamento para amar ao próximo. Ele lutou contra a tradição da igreja de que a pobreza era o caminho preferido para a salvação (Lindberg, 1996, p. 111). O reformador ressaltou que cada comunidade e cidade deveria se importar com seus pobres, admoestando que toda a mendicância devesse ser proibida. Todos os que eram capazes de trabalhar tinham a responsabilidade de assim fazê-lo, no entanto, para os que não podiam, um meio de sobrevivência deveria ser assegurado. Lutero sempre exaltou o trabalho e o considerava como um serviço jubiloso a Deus e ao próximo. Ele julgava a preguiça como uma forma de roubo, pois era um meio de viver à custa do trabalho de outros. Para Lutero, rejeitar o trabalho “é rejeitar o chamado divino para servir outros, e por essa rejeição o mesmo torna-se uma carga aos outros” (Lindberg, 1993, p. 109; ver também 1996, p. 118).

A reforma da beneficência social começou por volta de 1520 quando muitos governos do oeste europeu, seguindo os conceitos da Reforma, decidiram eliminar a mendicidade ao criar provisões significativas para lidar com os problemas sociais, especialmente a pobreza. Durante os anos que se seguiram, muitos católicos e protestantes concordaram que mendigos robustos, que eram fisicamente capazes e, contudo escolhiam não trabalhar, não deveriam receber assistência. Apenas os destituídos, tais como viúvas, órfãos, coxos, cegos e doentes deveriam receber auxílio na forma de abrigo, alimento, vestimentas, educação

escolar para as crianças, leitos de hospitais para os doentes e esmolas para todos (Wandel, 1996, p.78).

Os escritos de Lutero sobre assistência social e caridade exerceram grande influência na mente de muitos. Pessoas de muitos povoados e cidades começaram a aproximar-se dele pedindo auxílio para elaborar uma nova legislação tanto para a igreja como para a sociedade. Uma das primeiras cidades a fazer isso foi Leisnig, local onde foi elaborada a Lei de Leisnig (1522-1523). Esse decreto foi importante, porque o próprio Lutero estava envolvido na sua criação. Foi fraternal, representando um acordo entre a cidade, a nobreza local e as comunidades da redondeza. Incluía as diretrizes para o funcionamento de um caixa público para a assistência aos pobres e disponibilizava um modelo para que outros vilarejos e cidades seguissem (Lindberg 1993:123-124, veja Scribner 1979:49).

Em Leisnig toda mendicância foi proibida. Lá o “caixa público era responsável por uma variedade de serviços, inclusive manutenção e construção de edifícios públicos, como igreja, escola e hospital, bem como o armazenamento de grãos e ervilhas para o uso durante as épocas improdutivas e pelo ajuste de preços durante as emergências” (Lindberg, 1993, p. 126).

A reforma do sistema de assistência aos pobres foi executada principalmente pelos governos seculares, os quais expandiram sua jurisdição, abrangendo o cuidado dos pobres e determinando leis para lidar com a pobreza e a miséria social. Os governos protestantes colocaram todos os tipos de assistência de caridade e ajuda beneficente sob uma única administração central que era

responsável pela coleta e distribuição de todas as formas de cuidados. Nas décadas de 1520 e 1530, leis para os protestantes pobres em Nuremberg, Kitzingen, Regensburg, Leper, Zurique, Genova, Lyon, Países Baixos e outros lugares deram uma coerência ao serviço de assistência aos pobres como nunca houve antes (Kingdon, 1985, p. 50, Wandel, 1996, p. 79).

Uma representação clara da mudança que ocorreu durante o período da Reforma é sugerida pelo testamento de Anna Buring, a idosa e rica viúva do prefeito da cidade de Hamburg. Em 1535, ela mudou o testamento que tinha traçado em 1503. Em sua antiga declaração, ela tinha deixado seu dinheiro para comprar vigílias, missas para sua alma e muitas outras boas obras com o propósito de evitar o sofrimento no purgatório. No entanto, ouvindo a Palavra de Deus e o Seu sagrado evangelho, ela renunciou essa orientação anterior. Depois que ela passou a acreditar que é salva somente pela graça, decidiu prover e cuidar de sua família e deixar o resto de sua fortuna para os doentes, pobres e necessitados (Lindberg 1996, p. 126).

Foi implementada uma ordem no programa educacional alemão de que todas as crianças poderiam estudar, e isso também foi aderido em muitos outros países. Lutero argumentava que os serviços, tanto a Deus quanto ao próximo, exigiam uma população educada (Lindberg 1996:127).

A reforma dos sistemas de beneficência social, em muitas formas e lugares, coincidiu com a Reforma Protestante, e foi mais humanista e cívica do que Católica ou Protestante. Na Espanha, por exemplo, até alguns *“monarcas Católicos também se tornaram cada vez mais envolvidos na reforma da adminis-*

tração da ajuda ao pobre, eles mesmos procurando princípios, para racionalizar, simplificar, e tornar mais efetivo a ajuda ao pobre” (Wandel 1996:79).

A mendicância também começou a ser vista com um ponto negativo por muitos Reformistas Católicos da caridade. Em Madrid, começando em 1º de fevereiro de 1582, a mendicância pública foi proibida pelas autoridades. As autoridades católicas e cívicas tentaram estabilizar os pobres exigindo deles ter um local de residência se quisessem receber ajuda de alguma das várias instituições de ajuda locais. Esta medida foi tomada para controlar a mendicância por meio de regulamentos (Wandel 1996:81).

A caridade dos missionários portugueses foi também transmitida ao extremo oriente. Em Kyushu (Japão) os jesuítas abriram um hospital com a ajuda do doutor português, Lui d'Almeida. Os franciscanos foram às Filipinas e abriram um hospital em Manilha (1580-1581) e dois em Miyato (1594-1597). Os jesuítas também estabeleceram hospitais na Índia e no Brasil. Neste último, os missionários foram ativos na beneficência sócio-educacional e na obra de assistência, como demonstrado por um colégio no Rio de Janeiro que compartilhava sua estrutura com um hospital que providenciava quartos em que escravos e suas famílias podiam ser cuidados (Scaduto 1967:493).

Outros defensores dos escravos e dos nativos das Américas foram Bartolome de Las Casas (1474-1566) e Antonio Vieira (1608-1654), que com destemida coragem desafiaram e condenaram a injustiça e a opressão de governantes e comerciantes de escravos (Scaduto 1967:493).

Vicente de Paulo é considerado o representante mais

característico da caridade católica nos tempos modernos, sendo chamado de *“o ministro da caridade nacional, o maior esmoleiro da França”*. Ele incorporou o realismo da caridade, trabalhando dia e noite, tentando estabelecer centros de ajuda de caridade onde quer que julgasse necessário (Scaduto 1967:493).

Vicente de Paulo tinha um senso claro e definido de organização, beneficência social, administração assistencial, educação e desenvolvimento. Ele não somente abrigou e cuidou de milhares de refugiados (nobres, religiosos, freiras, entre outros), como também de centenas de órfãos tanto física quanto espiritualmente, e ajudou-os a terem uma profissão a fim de serem capazes de encontrar um emprego. Ele estava convencido de que a *“caridade não deve se satisfazer apenas em aplicar remédios ao males criados pela malícia humana, estupidez, e indisciplina: ela tenta erradicar a causa da desordem”* (Riquet 1961:166).

Ajuda para Refugiados e Prisioneiros

Muitos refugiados do período da Reforma eram religiosos, católicos, luteranos, calvinistas, zwinglianos e anabatistas. Há muita coisa registrada sobre refugiados religiosos, mas muito pouco se sabe sobre pessoas que se tornaram refugiadas por causa da guerra, fome, crises econômicas, pragas e decisões legais (Kintner 1996:411).

Entre alguns refugiados famosos estão Lutero, no Castelo de Wartburg; Calvino, na Corte de Navarra, em Strasbourg, e Bucer, na Inglaterra. Milhares de exilados surgiram como resultado da Inquisição na Espanha e na Itália e de guerras religiosas na França, que culminaram no hediondo massacre

do Dia de São Bartolomeu (1572). Os franceses valdenses, sob uma severa perseguição religiosa, tiveram que fugir para o norte da Itália e para a Europa Oriental. Os anabatistas e calvinistas também tiveram que escapar dos massacres e das perseguições religiosas (Kintner 1996:411).

Muitos protestantes acharam refúgio em Genebra, que entre 1550 e 1562 recebeu aproximadamente sete mil deles. Muitos vinham da França, Inglaterra, Holanda, Itália, Espanha, Alemanha, Portugal, Polônia e Boêmia. Na Genebra de Calvino, muitos desses refugiados receberam as ideias calvinistas e, quando regressaram para os seus países, levaram consigo o Calvinismo (Lindberg 1996:249, 265, 272).

Os refugiados religiosos eram geralmente ajudados e protegidos pelas autoridades locais. Muitos se tornaram mendigos para sobreviver, enquanto outros começaram a trabalhar em fábricas que surgiam em muitos lugares. Os refugiados católicos encontraram refúgio mais facilmente do que os protestantes, devido às antigas instituições católicas e às igrejas existentes na maioria dos lugares.



Massacre de São Bartolomeu, de François Dubois

Conclusão

Os muitos exemplos da assistência social que foi levada a efeito pelos cristãos em várias fases da história da Igreja Cristã durante os períodos descritos nos fornecem uma vasta e abrangente perspectiva de como podemos da mesma maneira demonstrar na prática o que o evangelho de Cristo significa para nós. Como Adventistas do Sétimo Dia, temos a vantagem de possuímos uma teologia que integra todos os aspectos da vida: físico, social, mental, e espiritual (Kuhn, 2007).

Nossa missão não pode somente enfatizar o aspecto espiritual do evangelho, e, como resultado, negligenciar as dimensões físicas e sociais daqueles que sofrem, sejam estes indivíduos ou comunidades. O serviço e a assistência social deve ser parte integral da nossa missão como fiéis cristãos adventistas. Essa missão deve continuar até a volta do Senhor, quando todas as feridas e sofrimentos causados pelo pecado deixarão de existir. Mas até que esse momento aconteça, temos que ser as mãos e os pés de Jesus, auxiliando e restaurando os fracos, doentes, pobres e feridos, aqueles pelos quais Cristo morreu.



© Deviantart

1 Para uma compreensão mais abrangente desse assunto, ver Wagner Kuhn, **Redemption and Transformation Through Relief and Development: Biblical, Historical, and Contemporary Perspectives of God's Holistic Gospel**. Berrien Springs, MI: Department of World Mission, Andrews University, 2013; e Wagner Kuhn, **Integrando Beneficência Social e Desenvolvimento na Missão de Deus: Perspectivas Bíblicas, Históricas e Contemporâneas do Evangelho de Cristo**. Bahia, Brasil: CePlib, 2008.

WAGNER KUHN



O Pr. Wagner Kuhn, PhD desempenhou as funções de diretor associado do Instituto Mundial de Missão da Associação Geral e professor associado de missão e estudos interculturais no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia da Universidade Andrews, nos Estados Unidos, do início de 2005 até meados de 2011. Desde 2007 ele tem atuado como diretor do programa de Parcerias Globais, cujo foco principal é o treinamento de missionários de sustento próprio (*tentmakers*). Foi professor de missão e teologia no SALT, UNASP, Engenheiro Coelho, São Paulo. Serviu como obreiro (*tentmaker*) nos Estados Unidos (1988-1992), e como missionário em duas regiões da antiga União Soviética - na República Autônoma de Nakichevan e no Azerbaijão (1994-2003), onde dirigiu programas de assistência e desenvolvimento (ministérios sociais/integrals) através da ADRA. O Pr. Kuhn obteve seu doutorado no Fuller Theological Seminary, CA, USA.

Referências Bibliográficas

- Beck, Hans-Georg. 1980. "The Early Byzantine Church." In **The Imperial Church from Constantine to the Early Middle Ages**. Vol. 2 of History of the Church. Anselm Biggs, trans. Hubert Jedin and John Dolan, eds. Pp. 421-514. New York: The Seabury Press. (Original: **Die Reichskirche nach Konstantin dem Grossen**, 1973, 1975).
- Chatellier, Louis. 1997. **The Religion of the Poor: Rural Missions in Europe and the Formation of Modern Catholicism, c. 1500-c. 1800**. Brian Pearce, trans. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Ewig, Eugen. 1980. "The Missionary Work of the Latin Church." In **The Imperial Church from Constantine to the Early Middle Ages**. Vol. 2 of **History of the Church**. Anselm Biggs, trans. Hubert Jedin and John Dolan, eds. Pp. 517-601. New York: The Seabury Press. (Original: **Die Reichskirche nach Konstantin dem Grossen**, 1973, 1975.)
- Dickens, A. G. 1966. **Reformation and Society in Sixteenth-Century Europe**. New York: Harcourt, Brace and World, Inc.
- Garrison, Roman. 1993. **Redemptive Almsgiving in Early Christianity**. No. 77 of **Journal for the Study of the New Testament, Supplement Series**. Sheffield, England: Sheffield Academic Press.
- Giordani, Igino. 1944. **The Social Message of the Early Church Fathers**. Alba I. Zizzamia, trans. Paterson, NJ: St. Anthony Guild Press.
- Greyzer, Kaspar von. 1994. "Switzerland." In **The Reformation in Global Context**. Bob Scribner, Roy Porter, and Mikulas Teich, eds. Pp. 30-46. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Grimm, Harold J. 1965. **The Reformation Era: 1500-1650**. New York: The Macmillan Company.
- Kingdon, Robert M. 1985. **Church and Society in Reformation Europe**. London, UK: Variorum Reprints.
- Kintner, Philip L. 1996. "Refugees." In **The Oxford Encyclopedia of the Reformation**. Vol. 3. Hans J. Hillerbrand, ed. Pp. 410-412. New York: Oxford University Press.
- Kuhn, Wagner. 2013. **Redemption and Transformation Through Relief and Development: Biblical, Historical, and Contemporary Perspectives of God's Holistic Gospel**. Berrien Springs, MI: Department of World Mission, Andrews University.
- _____. 2008. **Integrando Beneficência Social e Desenvolvimento na Missão de Deus: Perspectivas Bíblicas, Históricas e Contemporâneas do Evangelho de Cristo**. Bahia, Brazil: CePlib.
- _____. 2007. "Mission as Holistic Ministry: Toward a Seventh-day Adventist Theology of Mission for Relief and Development." **Journal of Adventist Asian Studies**, Vol. 10, No. 2: 177-191.
- _____. 2007. "The Gospel as Holistic Mission: The Challenges of Contextualizing Relief and Development." **International Forum** (2007), Vol. 10, No. 1: 9-23.
- Koenigsberger, H. G., and George L. Mosse. 1968. **Europe in the Sixteenth Century**. New York: Holt, Rinehart, and Winston.
- Latourette, Kenneth S. 1975. **A History of Christianity**. Revised edition. 2 vols. New York: HarperCollins Publishers.
- Lindberg, Carter. 1993. **Beyond Charity: Reformation Initiatives for the Poor**. Minneapolis, MN: Fortress Press.
- _____. 1996. **The European Reformations**. Oxford, UK: Blackwell Publishers.
- Lindemann, Mary. 1996. "Medicine and Healing." In **The Oxford Encyclopedia of the Reformation**. Vol. 3. Hans J. Hillerbrand, ed. Pp. 39-41. New York: Oxford University Press.
- Malherbe, Abraham J. 1983. **Social Aspects of Early Christianity**. Second edition. Philadelphia, PA: Fortress Press.
- Naphy, William G. 1993. "The Reformation of the Ministry in Calvin's Geneva." In **The Reformation of the Parishes: The Ministry and the Reformation in Town and Country**. Andrew Pettegree, ed. Pp. 113-132. Manchester, UK: Manchester University Press.
- Phan, Peter C. 1984. **Social Thought**. Vol. 20 of **Message of the Fathers of the Church**. Wilmington, DE: Michael Clazier, Inc.
- Pierson, Paul E. 1989. "Missions and Community Development: A Historical Perspective." In **Christian Relief and Development: Developing Workers for Effective Ministry**. Edgar J. Elliston, ed. Pp. 7-22. Dallas, TX: Word Publishing.
- Riquet, Michel. 1961. **Christian Charity in Action**. Vol. 105 of **The Church in the Modern World: Twentieth Century Encyclopedia of Catholicism**. P. J. Hepburne-Scott, trans. New York: Hawthorn Books. (Original: **La Charité du Christ en Action**, 1961.)
- Scaduto, M. 1967. "Works of Charity." In **New Catholic Encyclopedia**. Vol. 3. Editorial staff of the Catholic University of America. Pp. 480-497. New York: McGraw-Hill Book Company.
- _____. 2002. "Works of Charity." In **New Catholic Encyclopedia**. Second edition. Vol. 3. Berard L. Marthaler, executive ed. Pp. 400-421. New York: Thompson and Gail, in association with the Catholic University of America.
- Schwarz, Reinhard. 1996. "Charity." In **The Oxford Encyclopedia of the Reformation**. Vol. 3. Hans J. Hillerbrand, ed. Pp. 302-304. New York: Oxford University Press.
- Scribner, Robert W. 1979. "The Reformation as a Social Movement." In **The Urban Classes, the Nobility and the Reformation: Studies on the Social History of the Reformation in England and Germany**. Publications of the German Historical Institute London. Wolfgang J. Mommsen, Peter Alter, and Robert W. Scribner, eds. Pp. 49-79. Stuttgart, Germany: Klett-Cotta.
- Troeltsch, Ernst. 1992. **The Social Teaching of the Christian Churches**. Olive Wyon, trans. Vol. 1. Louisville, Kentucky: Westminster/John Knox Press. (Original: **Die Soziallehren der christlichen Kirchen und Gruppen**, 1912.)
- Wandel, Lee Palmer. 1996. "Social Welfare." In **The Oxford Encyclopedia of the Reformation**. Vol. 4. Hans J. Hillerbrand, ed. Pp. 77-83. New York: Oxford University Press.